

Macabéa

ISSN 2316-1663

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 8, Número 1, Jan.-Jun., 2019

“ESTÓRIA Nº3”, DE GUIMARÃES ROSA: DA NECESSIDADE (ANÁNKÉ) AO RISO



GUIMARÃES ROSA’S “ESTÓRIA Nº3”: FROM NECESSITY (ANANKE) TO LAUGHTER

Fabrício Lemos da Costa
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, Brasil
Sílvio Augusto de Oliveira Holanda
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 14/03/2019 • APROVADO EM 07/06/2019

Abstract

The present paper aims at approaching the presence of Necessity and Laughter in the tale intitled “Estória nº3”, a narrative from Guimarães Rosa’s work Tutameia. Our reflection is set on the interrelation among the subjects of the “estória”, characters who are immersed in a violence and competitive environment, nevertheless commanded by the “master wheel of fortune”, which puts them as mere “puppets” face life incertitude. Thus, the reading is approached from the critical tradition perspective which considers the whole of Rosa’s fiction as universal, as it develops within the conversions that overcome humans, where one finds their destiny, dramas and conflicts, always intertwined to the comic aspect, a usual trade in “Terceiras estórias”.

Resumo

O presente artigo tem como objetivo abordar a presença da Necessidade e do Riso no conto “Estória nº 3”, narrativa do livro Tutameia (Terceiras estórias), de João Guimarães Rosa. Nossa reflexão colocar-se-á na inter-relação entre os sujeitos que compõe a “estória”, personagens que estão imersos numa situação de violência e competição, mas ao mesmo tempo, comandados pela “roda mestra”, que os coloca como meros “joguetes” diante da incerteza da vida. Nesse sentido, abordaremos nossa leitura na tradição crítica que considera o conjunto da ficção rosiana como universal, porque se desenvolve nas convergências que transbordam do humano, onde se encontra o seu destino, seus dramas e conflitos, emaranhados sempre da comicidade, aspecto comum de Terceiras estórias.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Tutameia (Terceiras estórias), “Estórias nº3”, Guimarães Rosa, Laughter, Necessity.

PALAVRAS CHAVE: Tutameia (Terceiras estórias), “Estória nº 3”, Guimarães Rosa, Riso, Necessidade.

Texto integral

DA ALETRIA E HERMENÊUTICA

“Estória nº 3”, décima primeira narrativa do livro Tutameia¹ (Terceiras estórias)², de João Guimarães Rosa, vem acompanhada do Prefácio³ Aletria e hermenêutica, o qual nos auxilia, hermeneuticamente, a pensar o conto, inserindo-a na perspectiva que engloba as “estórias” em interpretações, cujas marcas unem em estado de “polifonia” os vários enredos. Da “polifonia”, entendemos as várias matrizes que se apresentam ao longo dos diversos textos do livro, as quais se direcionam, inicialmente, pela reflexão do próprio autor, que as coloca como “anedotas” em que joga com o inédito, assim como todo um arcabouço cultural, mítico e filosófico, fazendo-se referência, já no Prefácio, a Hegel, Platão, Bergson, Voltaire, e mesmo a poetas antigos e modernos. Em Relação ao livro Tutameia, Benedito Nunes sublinha:

As quarenta estórias de Tutameia, de Guimaraes Rosa, distribuídas em quatro grupos, cada um dos quais antecedido de Prefácio, estão poeticamente ordenadas. São

estórias de uma só estória; são casos exemplares, a modo de diversa figuração de grande fábula ou mito. Isso, se dermos a fábula o sentido de ensinamento indireto, que se extrai, por via de ação de pessoas, animais ou coisas, e se por mito entendermos, respeitando a etimologia, história que personaliza verdades ou princípios essenciais. (NUNES, 2009, p. 195)

Seguindo a reflexão de Nunes, entendemos o início do Prefácio *Aletria e hermenêutica*, o qual mostra, literariamente, que “a anedota, pela etimologia e para a finalidade, requer fechado ineditismo. Uma anedota é como um fósforo: riscado, deflagrado, foi-se a serventia” (ROSA, 2017, p. 25). Em Tutameia, o caráter cômico emaranha-se nos enredos das “estórias”, são construtos em que se encarrega a comicidade, a ironia, graça e o sorriso da sociedade, pois “o mundo é miséria, sofrimento, caos do qual não se pode escapar. Então, o riso protege contra a angústia, ao mesmo tempo que a expressa. Ele é alegria.” (MINOIS, 2003, p.540). Assim, enquanto em *Primeiras estórias*, predomina o tom mais sério, levando-se, algumas vezes, ao trágico e ao sublime, em *Terceiras estórias*, faz-se mister colocá-la na comédia. Nunes explica:

Propõe-nos a fábula sabedoria possível e desejável; impõe-nos o mito, paradoxalmente, a desejável, mas não possível, compreensão do mundo e da existência. De onde se conclui que ambos, mito e fábula, são elementos da *poiesis*; criamo-los para que nos ajudem a captar o sentido que mal se vislumbra em cada vida individual, pequena e insignificante, em cada situação particular, emaranhada em miúdos atos circunstanciais, episódios, mais puxando ao cômico que ao trágico. (NUNES, 2009, p. 195)

Da compreensão do mundo, de que fala Nunes, Tutameia está emaranhada, são várias as narrativas em que a dimensão humana dá-se aos traços largos, no entanto, como foi dito anteriormente, quase sempre pelos jogos do riso irônico e do cotidiano dos personagens, assim, “no terreno do humour, imenso em confins vários, pressentem-se mui hábeis pontos e caminhos. E que, na prática de arte, comicidade e humorismo atuem como catalisadores ou sensibilizantes ao alegórico espiritual e ao não-prosaico.” (ROSA, 2017, p. 25). Em *Aletria e hermenêutica*, parece-nos estar a chave de leitura que nos coloca entre o riso, a anedota e a dimensão puramente humana da ficção do autor de Cordisburso. Em *Grande Sertão: veredas*, Travessias, Eduardo F. Coutinho afirma: “Trata-se de uma série de episódios, circunstâncias ou situações, com pouco ou nenhum enredo e sequência cronológica e nenhum compromisso com qualquer tipo de racionalismo.” (COUTINHO, 2013, p. 45)

Dessa forma, ao pertencer ao cômico, Tutaméia elabora-se na mesquinhez de homens comuns, inferiores, demonstrando-nos seus defeitos, entretanto, não podemos nos esquecer que ao lado da torpeza, está-se o que existe de mais humano na maneira de tratá-lo, em que os sujeitos expõem abertamente seus vícios e fraquezas. Segundo Aristóteles “A comédia, é como dissemos, imitação de homens inferiores; não todavia, quanto a toda a espécie de vícios, mas só quanto àquela parte do torpe que é o ridículo. O ridículo é apenas certo defeito, torpeza anódina e inocente.” (POÉTICA, 1449 a, 32-35).

“ESTÓRIA Nº 3”: DA NECESSIDADE E DO RISO

Em “Estória nº3”⁴, a violência faz parte das relações e do cotidiano, liga-se aos sujeitos, de sorte que se justificam os mais variados tipos de horrores no lugarejo. No conto, Conta-se a estória de Joãoquerque, Mira e Ipanemão, personagens imersos no corriqueiro do dia, na simplicidade dos gerais, os quais se envolvem em uma situação de perseguição. Vejamos o início da “estória”: “Conta-se, comprava-se e confere que, na hora, Joãoquerque assistia à Mira frigar bolinhos para o jantar, conversando os dois pequenidades, amenidades, certezas. Sim, senhor, senhora, o amor. Cercavam-nos anjos-da-guarda, aos infinilhões.” (ENº3, p. 75)⁵. A partir da experiência de violência, no entanto, aprende-se, o homem integra-se ao plano geral da vida, “em situações particulares e das vidas pequenas e insignificantes, a fé no que há. ‘O mundo e Deus está em toda parte’. Tutameias não existem por si só. São episódios de divina e altíssima comédia.” (NUNES, 2009, p. 201).

Se o mundo está em toda parte, o destino o engendra, liga-se ao homem, fazendo-o refém da própria vida. Na narrativa, os personagens são alvos de mudança e aprendizado, à guisa de momentos que se modificam no interior do sujeito, mas que são comandados pela “roda mestra”, a roda da fortuna, aparelhada das três irmãs fiandeiras, senhoras que tecem o destino, fazendo-nos mercedores ou não do propósito do que estar por vir. Assim, após o momento tranquilo no cotidiano, Mira e Joãoquerque são pegos em perseguição por Ipanemão, a mulher ajuda o primeiro a fugir; era o destino projetando tudo: “Mas o destino pulava para outra estrada. Mira e Joãoquerque e Ipanemão cada qual em seu eixo giravam, que nem como movidos por tiras de alguma roda-mestra.” (ENº3, p. 75, grifos nossos)

Nesse sentido, o homem participa de experiências cujas armadilhas são construídas em relações tensas que se desenvolvem no lugar, entretanto, são joguetes da “roda mestra” que dita a queda, a morte e a vitória momentânea, numa espécie de felicidade que só existe por alguns momentos, tamanho é o perigo que os sujeitos são expostos o tempo todo. Em ENº3, a narrativa joga com dois polos: o

destino e a descoberta interna. Na estória, Joãoquerque descobre-se, experimenta-se a partir do outro, o valentão Ipanemão, seu destino era torna-se o temido, como que num reflexo de espelho que parecia estar pronto a projetar-se. Ipanemão, “cruel como brasa mandada, matador de homens, violador de mulheres, incontido e impune como o rol dos flagelos” (EN^o3, p.75), estava com o feixe da roda da fortuna para baixo. Por outro lado, Joãoquerque, amante medroso, descobrir-se-ia, pois as moiras lhe eram favorável naquele instante, no entanto, inicialmente, era apenas temor:

Ele- o nada a se fazer-pegado pelos entremeios, seus órgãos se movendo dentro do corpo, amarga grossa em fel e losna a língua, o coração a se estourar feito uma muita boiada ou cachoeira. - Pai do Céu! - e o Ipanemão era do tamanho do mundo- repetia, falto de mais alma, no descer do suor. Ia-se o dia em última luz. Onde estava sua cabeça? (EN^o 3, p.76)

Temos a impressão que o pensamento grego antigo, aquele que se liga à matriz do destino⁶, da necessidade e das leis que punem o excesso, na narrativa em questão, dá-se à graça e ao riso. O cosmos grego inicial configura-se em EN^o3, constituindo-se em significados que fluem ironicamente na troca do medroso pelo temido. Em relação ao pensamento grego, Heloisa Vilhena de Araujo argumenta em *O Espelho: contribuição ao estudo de Guimarães Rosa*: “O movimento do cosmo como obediência a uma lei necessária que pune os excessos- e esse é o destino dos elementos: nascer e morrer, ir e vir, numa constante troca um com o outro, num fluir perpétuo de rio, pagando o excesso.” (ARAUJO, 1998, p. 110). Na estória, o pensamento grego tem seu lugar, assim como o insere na comédia, no deboche fácil. Vejamos mais um trecho:

De que primeiro nada pensou, nulo, sem ensejo de ser e de tempo, nem vergonha, nem ciúme, condenado, mocho, empurrado, pois. Mira mesma mandou-o ir-se, com fechado cochicho, salvava-o; em finto tinha-se apagado o fogo, reinava só no borralho o ronrom do gato. Ela se ajoelhara, rezava, com numa mão a faca, pontuda, amolado, na outra o espeto, de comprimento de metro. (EN^o 3, p. 76)

Ipanemão, como se sabe, é punido pelo excesso, sua hýbris o jogou para baixo, para a morte torpe, sendo assassinado por um medroso, comprovando-se sua humanidade e fraqueza, “é a desforra do diabo, que revela ao homem que ele não é nada, que não deve seu ser a si mesmo, que é dependente e que não pode nada, que é grotesco em um universo grotesco” (MINOIS, 2003, p. 112). No conto, tudo leva ao riso, é uma atividade social que nos demonstra como seres caídos,

completamente desprotegidos de qualquer armadura que nos pudesse salvar do perigo e da morte. De acordo com Bergson, filósofo citado no Prefácio Aletria e hermenêutica:

O riso deve ser alguma coisa desse tipo, uma espécie de gesto social. Pelo medo que inspira, o riso reprime as excentricidades, mantém constantemente vigilantes e em contato recíproco certas atividades de ordem acessória que correriam o risco de isolar-se e adormecer; flexibiliza enfim tudo o que pode restar de rigidez mecânica na superfície do corpo social. (BERGSON, 2001, p. 15).

Trata-se de uma situação cômica nos gerais, uma purgação dos sofrimentos pelo riso, “Guimarães Rosa, simpático a Bergson, valoriza a intuição e o alcance depurador e liberador do sofrimento” (NUNES, 2013, p. 277). Ainda no caso de Ipanemão, o valentão lembra-nos a ousadia e a morte de Herculinão, personagem de “Fatalidade”, do livro *Primeiras estórias*, de Guimarães Rosa. Na narrativa, temos o mesmo teor presente, qual seja: um sujeito assustador e temido é assassinado pelo perseguido: “Viajamos para cá, e ele, nos rastros, lastimando a gente. É peta. Não me perdeu de vistas. Adonde vou, o homem me atravessa...Tenho de tomar sentido, para não entestar com ele” (ROSA, 2001, p. 110). Assim, sobre a perspectiva de homens que pagam com o excesso, Charles H. Kahn argumenta:

A força excessiva de qualquer elemento é considerada uma agressão (*hamartema*) pela qual se deve pagar; daí, diz-se que um fator castiga o outro (*kolazein*), ou vinga sua intemperança (*timorein*). A parte ofendida é, nesse caso, não tanto o elemento mais fraco, mas o estado saudável de todo o corpo. (ARAUJO *apud* KANH, 1998, p. 109)

Entretanto, como já foi dito, em Tutameia, tudo leva ao risível, não podendo ser diferente em EN^o3, em que o discurso elabora-se em traços monumentais de graça, o tema sério transforma-se em qualquer coisa de mais leve no cometimento, morte e vingança. Segundo Minois, “esse riso não visa nem a denúncia nem a expiar; ele resulta do espetáculo de inanidade universal, do sublime invertido.” (MINOIS, 2003, p. 530). Em boa parte, o barulho dos animais, ajudam a construir a cena cômica, assim como os desalentados lugares por onde passa o personagem, em fuga e preparo. Vejamos:

Joãoquerque remontava o quintal, desatento a tudo, mas de cauteloso modo: o sapo deu mais sete pulos: se arrastava com fiel desonra. Não à porta da cozinha, à casa, senão que à longa mão direita, renteava o outro quintal, para o beco. Frouxos latiam uns cachorros.

Diante, o galinheiro velho; e ele, ali, de palpa treva. Tirou risco o fino de alguma luz: em machado, encabado, encostado, talvez até enferrujado terrível. Ele não podia pegar em nada, pois com cerrados os punhos, *diabo-do-inferno!* E o pé que continuou no ar.

O machado, tal, para tangimento, relatado em sua razão. (EN^o3, p. 77, grifo do autor)

Joãoquerque pertence às criaturas desastradas, do rol de Chaplin ou de Cervantes, sujeito risível do sertão, como revela o Prefácio Aletria e hermenêutica: “Risada e meia? Acerte-se nisso em Chaplin e em Cervantes. Não é o chiste rasa coisa ordinária; tanto seja porque escanCHA os planos da lógica, propondo-nos realidade superior e dimensões para mágicos novos sistemas de pensamento.” (ROSA, 2017, p. 25). Joãoquerque, por potro lado, carrega a ambivalência do humano, no qual se mostra vulnerável diante do destino, isto é, da roda da fortuna, com sua necessidade de decretar sentenças de cada um. Benedito Nunes ao comentar Grande Sertão: Veredas, declara:

A este se devem as condições particulares do exercício da Fortuna: o léu da sorte, a vereda do acaso, por onde se completa, a despeito da vontade e contra ela, o tecido da causalidade, da relação de causa e efeito. Assim é que desde o momento em que encontra o Reinaldo, às margens do de-Janeiro, está decidida a Fortuna andeja de Riobaldo. Sem que ele o saiba, é pelo Menino, a cuja secreta atração ficou preso, que adere ao bando de Joca Ramiro, do qual assumirá chefia em lugar de Zé Bebelo. Não fosse a Esperança, que alenta o narrador, de que Diabo não existe e que Pacto não houve, a Fortuna acabaria se convertendo em pura Necessidade (NUNES, 2013, p. 202)

Da mesma Necessidade (*Anánké*), parece ter sofrido Joãoquerque e Ipanemão, suas trajetórias estavam entrelaçadas, na reviravolta interna do primeiro, encontrando coragem, ou na morte do segundo: “Diz-se que era o dia do valente não ser; ou que o poder, aos tombos dos dados, emana do inesperado; ou que, as vezes, a gente em si faz feitiços fortes, sem nem saber, por dentro da mente.” (EN^o, p. 78, grifos nossos). Ao inesperado, Ipanemão foi surpreendido, como a Necessidade decretara, naquele dia, sua valentia nada não valia, seu final estava certo como tinha de ser. Ao final, os valentões também tinham medo e fraqueza, como comenta Luiz Roncari com relação a Soroca em o Cão do Sertão: “Soropita era um valentão que tinha também os seus medos. Ele temia aquelas regiões negras pantanosas, onde tudo parecia ainda indistinto e confuso.” (RONCARI, 2007, p. 17)

Como transpassar a morte pelo riso? Tal é o desafio que emerge de EN^o3. Talvez, a clave esteja na consciência de que estamos todos imersos na Fortuna, na Necessidade que se efetiva a qualquer instante. Ipanemão, valentão do sertão, agora é como Herculínio de *Primeiras estórias*, “trapuz, já arriado lá, já com algo entre os próprios e infra-humanos olhos, lá nele-tapando a rua.” (ROSA, 2001, p.111). Prova-se a humanidade dos vários “Cães” do sertão, como pensa Roncari. Afinal, o único “grande mistério é o da morte, que nos espreita zombando com suas

órbitas vazias e um sorriso de desafio. O que fazer? Rir ou perder a face.” (MINOIS, 2003, p. 540). O narrador relata a morte de Ipanemão:

Ipanemão pendeu o rosto, desditado, os instantes hesitosos; aí foi revirando, rodou-se, mesmo agachado, de moventes cócoras - pondo-se inteiro de costas para o outro, do qual a esquivar olhar e presença.

Joãoquerque, porém, o rodeou, também, lhe pediu- olhe! - baixo, e, erguendo com as duas mãos o machado, braz! rachou-lhe em duas partes os miolos da cabeça. Ipanemão, enfim, em paz. Até aquele dia ele tinha sido imortal, perdeu as cascas. (EN^o3, p. 78, grifos nossos)

Vale ressaltar, ainda, que EN^o3 faz-nos lembrar de comédias mais antigas, em que tem como um dos elementos fundamentais a luta ou debate, agón. Arma-se o conflito e dele sai vencedores e vencidos. Junito Brandão sublinha em Teatro Grego: origem e evolução: “Tomando-se por base pelo menos oito das onze comédias de Aristófanes, que chegaram até nós, pode-se constatar que a comédia antiga se divide em duas partes: a primeira é um agón, Ἀγών, uma luta, um debate; a segunda é uma revista.” (BRANDÃO, 1992, p.68). Da luta travada nas antigas comédias, afirma Brandão, “há ameaças e pancadarias: a vitória pode ser de um ou de outro” (BRANDÃO, 1992, p. 69). A violência posta no gênero, desde a sua origem, reveste-se, no caso de EN^o3 em interesse, em que o perigo faz parte da conjuntura de um lugar onde prevalece a luta e a desonra. Ao lado da luta no conto rosiano, temos a brincadeira, o deboche, em palavras ou expressões como: “rachou-lhe em duas partes os miolos da cabeça”, “Ipanemão, enfim, em paz”, e “perdeu as cascas”. Fê-lo pelo riso a desonra de Ipanemão, este não mais podia no sertão, sua Fortuna fizera-o apenas uma casca, marca de sua humanidade. Ao final, Joãoquerque era deboche, conseguira o impossível, matar o “cão” do sertão:

Joãoquerque se sentou, fez porção de caretas. Nunca aprendera a não cuspir, não podia mais com tantas causas. Quer dizer: os pés no chão, a mão na massa, a cabeça em seu lugar, os olhos desempoeirados, o nariz no que era de sua conta (EN^o3, p. 78, grifos nossos)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, podemos afirmar que “Estória n^o3”, do escritor mineiro João Guimarães Rosa, elabora-se naquilo que o filósofo Benedito Nunes considera como “o clima geral de Tutameia, mesmo quando se mata ou morre, é o clima da comédia” (NUNES, 2009, p. 195). Iniciamos nossa reflexão colocando-nos na hermenêutica postulada ao longo do Prefácio Aletria e hermenêutica, o qual nos serve de horizonte, como sublinha Nunes: “Parece-nos, então, que o primeiro

prefácio estabelece a perspectiva dentro da qual as estórias podem ser colocadas. Ele fixa a hermenêutica, não de cada conto particular, mas de todos em conjunto- a hermenêutica da estória que há nas estórias.” (NUNES, 2009, p.197).



Nesse sentido, o conto liga-se às universais narrativas, desde a antiguidade, cujas intersecções tem como base o riso e o deboche, mesmo quando a Fortuna e a Necessidade arrolam-se, juntamente, com a morte e a vingança, como é o caso de “Estória nº3”. Assim, justifica-se o enredo de Mira, Joãoquerque e Ipanemão, três personagens que talvez justifique o título do conto, é a “trindade” que se consubstancia na “roda mestra”, fiada pelas três irmãs fiandeiras, as Moiras (Μοῖραι), senhoras que decidem o destino pela Necessidade. Pelo Destino, Joãoquerque vingá-se, encontrando coragem em si mesmo, enquanto o valentão cai em desgraça, como é comum na ficção rosiana. Em Tutameia, encontramos mistérios, leituras da vida: “A vida também é para ser lida. Não literalmente, mas em seu supra-senso. E a gente, por enquanto, só a lê por tortas linhas. Está-se a achar que se ri.” (ROSA, 2017, pp. 25-26)

Notas

¹Cf. Coutinho, 2013, p. 45: “Tutameia, o último livro publicado em vida por Guimarães Rosa e cujo título significa, segundo o autor, ‘nonada, baga, ninha, inânias, ossos-de-borboleta, quiquiriqui, tuta-e-meia, mexinflório, chorumela, nica, quase-nada’, é uma coleção de estórias ainda mais curtas que as obra anterior e mais profundamente marcada pelo tom filosófico.”

²Cf. Coutinho, 2013, p. 14: “O livro traz como curiosidade o subtítulo “Terceiras Estórias”, embora nunca tenha havido as segundas, e a singularidade de apresentar quatro prefácios, que constituem uma espécie de ars poetica do autor. Indagado por sua filha Vilma onde estavam as segundas estórias, visto que Tutameia se nomeava “Terceiras”, Rosa lhe contestou jocosamente que era para despertar a curiosidade do leitor. O fato é que o livro, apesar de seu cunho nitidamente hermético, em que a exploração da linguagem poética atinge talvez seu ponto de maior elaboração, alcançou o mesmo sucesso dos anteriores.”

³O livro Tutameia (Terceiras estórias) apresenta quarenta “estórias”, divididas entre quatro Prefácios intitulados Aletria e hermenêutica, Hipotrérico, Nós, os tremulentos e Sobre a escova e a dúvida.

⁴Após essa citação de “Estória nº3” no corpo do texto, utilizaremos a abreviatura ENº3.

⁵Todas as citações de “Estória nº3” se referem a essa edição (10ª ed.) e serão indicadas pela abreviatura ENº3, seguida do número da página.

⁶ Segundo a matriz grega antiga o destino é a moira, lote que cabe a cada um dos homens, a necessidade, ananke, cujos laços de constrangimento dão limites às ações de homens e divinos. Neste sentido, qualquer ação que exceda o limite, ofenda a harmonia da ordem social, política e mesmo de heróis, é considerada mácula, não raro. Coletiva, arrastando o génois familiar e uma pólis inteira às reparações causadas por este excesso cometido (hýbris). O papel do acaso, ou fortuna (týche) nesta espécie de mola é justamente compensar entre a boa e a má fortuna o grau de arazoamento e cálculo humano (gnóme) nas deliberações em assembleia e as decisões políticas.

Referências

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução, Prefácio, Introdução, Comentários e Apêndices de Eudoro de Sousa. 4ª edição. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1994.

ARAÚJO, Heloisa Vilhena de. **O Espelho**: contribuição ao estudo de Guimarães Rosa. São Paulo: Mandarim, 1998.

COUTINHO, Eduardo F. **Grande Sertão: Veredas. Travessias**. São Paulo: Realizações Editora, 2013.

BRANDÃO, Junito. **Teatro Grego**: origem e evolução. São Paulo: Ars Poética, 1992.

BERGSON, H. **O riso**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MINOIS, G. **História do riso e do escárnio**. Tradução de Maria Helena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

NUNES, Benedito. **Guimarães Rosa quase de cor**: lembranças filosóficas e literárias. In: A Rosa o que é de Rosa: literatura e filosofia em Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013, pp.267-278.

_____. **Grande Sertão: veredas**: uma abordagem filosófica- a figura da narração ou as ciladas do tempo no romance de Guimarães Rosa. In: A Rosa o que é de Rosa: literatura e filosofia em Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013, pp.196- 217.

_____. **Tutaméia**. In: O dorso do tigre. Posfácio de Affonso Ávila. São Paulo: Editora 34, 2009, pp.195-201.

ROSA, Guimarães. **Tutameia (Terceiras Estórias)**. 10ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2017.

_____. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

RONCARI, Luiz. **O Cão do Sertão: Literatura e Engajamento: Ensaio sobre João Guimarães Rosa, Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

Para citar este artigo

COSTA, F. L. da, HOLANDA, S. A. de O. “Estória Nº3”, de Guimarães Rosa: da necessidade (anánké) ao riso. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 8., n. 1., 2019, p. 103-113.

Os Autores

Fabrcio Lemos da Costa é mestrando em Letras- Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará, graduado e licenciado em Letras-Língua Portuguesa pela UFPA-PA, especialista em Produção de Material Didático e Formação de Leitores para a EJA pela UNIFAP-AP.

Sílvio Augusto de Oliveira Holanda é graduado em Letras pela Universidade Federal do Pará, mestrado em Letras/Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará, doutorado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo e pós-doutorado em Estudos Românicos pela Universidade de Lisboa, professor associado IV da Universidade Federal do Pará, tendo sido coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras da referida instituição e membro permanente do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA. Dirige a Faculdade de Letras da UFPA.